

A IMPORTÂNCIA DA TRADUÇÃO/TRANSCRIÇÃO NO ESTUDO DA TAQUIGRAFIA

Prof. Waldir Cury

Lembro-me da minha saudosa professora de taquigrafia, quando ia à sua casa para ter aulas particulares de velocidade taquigráfica. Além do saboroso cafezinho que mandava a empregada me oferecer no meio da aula, sempre pedia que eu lesse o ditado, tão logo acabava de taquigrafar.

Era assim: ela ditava, por exemplo, um ditado de cinco minutos na velocidade de 80 palavras por minuto. Ao terminar, ela costumava perguntar: “que tal?” Eu respondia: “fui bem”, ou “fui mais ou menos”, ou ainda “fui mal”. Em qualquer dos três casos, a ordem da Dona Conceição Ballalai era sempre a mesma: “Leia!”, “Leia o que você conseguiu pegar!” Neste ponto não havia negociação. A regra era uma só: taquigrafou, leu.

Hoje costumo fazer o mesmo com os meus alunos. Após o ditado, vem o ditame: “Leia!”

Explico aos alunos que a taquigrafia não é um fim em si mesma, é apenas um meio. Qual é o fim? É a tradução! Podemos até fazer a seguinte comparação: os sinais taquigráficos seriam a “gravação” daquilo que se ouve. E a tradução, a “degravação”.

Na verdade, os símbolos taquigráficos são meros “rabiscos”, muitas vezes só compreensíveis para aquele que taquigrafou. Não raro é difícil a um outro taquígrafo do mesmo método traduzir o que alguém taquigrafou. Por quê? Porque cada pessoa tem, como na grafia comum, um modo peculiar de escrever.

Na taquigrafia, as imperfeições que alteram significativamente o tamanho dos sinais (para mais ou para menos), as posições de sinais significantes de sons colocadas de maneira errada e até mesmo a troca (erro) de um sinal por outro dificultam a leitura. Acresce a isso ser muito comum um taquígrafo inventar para si alguns sinais iniciais, terminações e sinais convencionais. Tais “códigos pessoais” são difíceis ou até mesmo impossíveis de serem decifrados por outro taquígrafo do mesmo método.

Esse fato não deve ser olhado com estranheza, pois é muito comum na escrita ordinária uma pessoa não conseguir ler o que outra pessoa escreveu. E também não é raro alguém escrever apressadamente e depois não conseguir ler a própria grafia.

Quem já não teve dificuldade de entender uma receita médica? Por que não entendemos? Porque as letras foram deturpadas de tal maneira que viraram garranchos difíceis de decodificar. O “a” não é mais “a”, o “f” parece um “L”, o “t” não é cortado, o “i” não tem o pingo, o “m” é uma linha reta, etc. Só um farmacêutico experiente – e muitas vezes levado mais pela intuição – consegue decifrar aquela garatuja.

Quanto à taquigrafia, a tradução deve ocupar lugar de destaque no aprendizado, já desde as primeiras aulas, e principalmente quando se começa a treinar ditados de velocidade.

Ao ler aquilo que acabou de taquigrafar, o aluno poderá saber quais as palavras que não taquigrafou corretamente e por isso não conseguiu traduzir. Desta forma, identificando as falhas, os sinais malfeitos, os sinais trocados, o aluno vai vendo o que precisa aperfeiçoar, que ponto do método precisa ainda repisar, que palavras deve treinar mais.

A par disso, a leitura tem o grande poder de ajudar na fixação dos sinais básicos, terminais e iniciais, bem como dos sinais convencionais. Funciona como uma “memória visual”.

Como em toda aquisição de uma habilidade, no começo haverá dificuldades para traduzir, mas com a continuação o aluno verá que a leitura taquigráfica começará a ficar cada vez mais fluente.

Um aluno que adquire o hábito de traduzir tudo que taquigrafou (oralmente ou digitando no computador) aumenta a perspicácia, a sensibilidade e a intuição de deduzir pelo contexto, a ponto de conseguir ler uma palavra mal taquigrafada.

Certa vez, depois de um concurso de taquigrafia, uma candidata me procurou para ter aulas comigo e me disse: “Professor, o senhor não vai acreditar, no ditado de taquigrafia eu peguei tudo, tudo, tudo! Mas não consegui traduzir nada!” Minha resposta não poderia ser outra: “Bem, você pensa que pegou tudo! Mas se você não conseguiu traduzir nada, você não pegou nada! Você fez apenas rabiscos!” E acrescentei: vamos, então, agora, aprender taquigrafia como deve ser aprendida: **LEIA!**